

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EAD GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA**

DELMA NADIR MARTINS

**O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTEREÓTIPOS DE GÊNEROS NAS
RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE MENINOS E MENINAS**

**FLORIANÓPOLIS
2017**

DELMA NADIR MARTINS

**O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTEREÓTIPOS DE GÊNEROS NAS
RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE MENINOS E MENINAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola vinculado ao Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Orientadora: Patrícia de Moraes Lima

FLORIANÓPOLIS
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Martins, Delma Nadir
O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL : ESTEREÓTIPOS DE GÊNEROS
NAS RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE MENINOS E MENINAS / Delma Nadir
Martins ; orientadora, Patricia de Moraes Lima -
Florianópolis, SC, 2017.
39 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Curso de Curso de Especialização EAD Gênero e Diversidade
na Escola.

Inclui referências

1. Gênero. 3. Educação infantil. 4. Brincadeiras. I. de
Moraes Lima, Patricia. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Curso de Especialização EAD Gênero e Diversidade
na Escola. III. Título.

DELMA NADIR MARTINS

**O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTEREÓTIPOS DE GÊNEROS
NAS RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE MENINOS E MENINAS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:



Olga Regina Zigelli Garcia

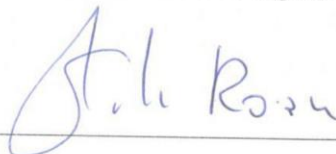
Banca Examinadora:



Juliane Di Paula Queiroz Odinio



Marcelo Pinheiro Cigales



Stela Marcia Moreira Rosa

AGRADECIMENTOS

Agradeço pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação no ano de 2015/2016.

Agradeço, sobretudo, os investimentos que possibilitaram conhecimentos a expansão de políticas públicas de combate a fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo.

Agradeço aos meus familiares pelo apoio, paciência e compreensão da minha ausência.

A todos os meus professores pela cobrança, exigências e ensinamentos.

A minha Orientadora Patrícia de Moraes Lima pela orientação, paciência e dedicação durante todo processo da elaboração deste trabalho.

A turma Ângela Davis pela parceria, apoio, convites sociais, dúvidas, troca de experiências e pela formação do grupo WhatsApp que possibilitou auxílio em vários momentos.

Agradeço a tutora presencial que esteve sempre presente sanando nossas dúvidas.

Aos meus colegas de profissão pela disponibilidade e troca de experiência que contribuiu muito para com minha pesquisa.

Agradeço também a todos convidados do curso GDE que de alguma forma utilizou-se de seus exemplos para enriquecer o curso e nos possibilitou novos conhecimentos.

E finalmente agradeço a Deus pela oportunidade de fazer parte do curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade discutir as relações de gêneros presente no contexto da educação infantil entre crianças da faixa etária de quatro a seis anos, bem como suas representações nas brincadeiras ditas serem de meninos e de meninas, buscando observar e questionar tais papéis comportamentais pré-estabelecidos. O estudo visa compreender como meninos e meninas se relacionam e se manifestam historicamente e culturalmente frente às questões de gêneros no contexto do brincar na educação infantil. A análise da pesquisa baseia-se nas relações de gêneros presentes nas instituições de educação infantil diante das brincadeiras onde as crianças trocam e experimentam diferentes papéis sociais relacionados ao feminino e masculino, afim de entender como se dá a construção social do que é ser homem e o que é ser mulher, possibilitando assim o intuito de construir novos referências aos papéis de gêneros.

Palavras-chave: Gênero. Educação infantil. Brincadeiras.

ABSTRACT

The present work aims to discuss gender relations present in the context of early childhood education among children of the age group of four to six years, as well as their representations in games said they are boys and girls, seeking to observe and question such behavioral roles pre-established. The study aims to understand how boys and girls relate to each other and manifest themselves historically and culturally to gender issues in the context of the play in early childhood education. Search analysis is based on gender relations present in early childhood institutions before the games where children exchange and experience different social roles related to female and male, in order to understand how the social construction of what it means to be a man and what it's like to be a woman, thus enabling to build new references to gender roles.

Keywords: Genre. Early childhood education. Jokes.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 GÊNERO E A EDUCAÇÃO INFANTIL	7
1.2 PERGUNTA DA PESQUISA	9
1.3 JUSTIFICATIVA	9
2 OBJETIVOS	11
2.1 OBJETIVO GERAL	11
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
3 HIPÓTESE DO ESTUDO	12
4 REVISÃO DE LITERATURA	13
4.1 CONSTRUINDO IDENTIDADES DE GÊNEROS, HISTÓRICAS E SOCIAIS	13
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	16
5.1 TIPO DE ESTUDO	16
5.2 CENÁRIO DO ESTUDO	16
5.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA DO ESTUDO	17
5.4 COLETA DOS DADOS	17
5.5 PROCESSAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS	18
6 INTERAÇÃO DOS GÊNEROS	19
7 O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL E AS RELAÇÕES	23
8 O PAPEL DO EDUCADOR E DA EDUCADORA NO GÊNERO	31
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	36
ANEXOS	38
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	39

1 INTRODUÇÃO

A historicidade de gênero no cotidiano visa à mudança da problematização dos diferentes papéis estabelecidos por homens e mulheres na sociedade.

Na educação infantil o brincar está presente o tempo todo e esta convivência coletiva é primordial para a construção do sujeito. Segundo Friedmann (2012, p.23):

As crianças já nascem inseridas em uma determinada cultura na qual vão desenvolver competências pessoais e adquirir conhecimentos prévios e historicamente definidores de um ou outro grupo social. [...], Assim, os grupos infantis participam dessa recriação com sua criatividade, com sua ressignificação das brincadeiras e atividades, novo vocabulário, novos conteúdos, novas regras, novos espaços e objetos possíveis, contribuindo para a contracorrente desde o berço.

Desde muito cedo presenciamos em nossas vidas a construção de valores sociais que englobam padrões culturais do que é ser menino e menina incorporado na sociedade como padrões estabelecidos culturalmente do que é ser menino e menina, homem ou mulher, mesmo antes do nascimento, com a preparação dos pertences destinando suas cores e estereótipos que indicarão o sexo, as crianças são educadas para se relacionarem com o mundo de forma a estabelecerem uma relação social adequada ao sexo. Nota-se que a infância é construção social e cultural do que se espera de uma menina e de um menino, estabelecendo padrões classificatórios quanto ao gênero através de suas vestes, comportamentos, brinquedos, cores específicas, assim como a divisão de papéis ditos serem de meninos e meninas, que produzem a distinção dentro de gênero. Estabelecendo os papéis nos estereótipos da diversidade de gênero na infância, é comum vermos crianças brincando em grupos dividindo carrinhos, bonecas, jogos, entre outros. Para a criança essa separação de gênero ainda não é instituída, é incorporada a medida que o adulto interfere e media a brincadeira.

Nos próximos capítulos irei descrever um pouco sobre concepção de gêneros dentro da educação sendo a primeira etapa de educação básica e onde a criança irá, assim como aprimorar-se sobre a formação para a vida.

1.1 GÊNERO E A EDUCAÇÃO INFANTIL

Quando falamos em gênero historicamente e culturalmente nos remetemos ao fato ser homem e mulher. O estudo de gênero deu origem a vários conceitos sobre a temática. Segundo Grossi e Miguel *apud* Sartori e Britto (2004, p.33) “O conceito de “gênero” surge no interior da teoria feminista, com o claro objetivo de “desnaturalizar e dessubstancializar a

noção de feminino e masculino” nas análises que vinculam os papéis sexuais ao seu substrato biológico”.

Ainda Sartori e Britto (2004, p.33) afirmam que:

Na teorização de Scott (1990), o gênero é considerado como uma forma primária de dar significado às relações de poder (mesmo que não seja único), ou seja, é o campo primário, no interior, ou por meio da qual o poder é articulado. Segundo esta teoria, os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda vida sócia. É exatamente neste aspecto que está a importância desse conceito, pois ele “coloca em evidência a maneira pela qual o poder é definido, estruturado e exercido”, [...]. Nesse sentido, gênero é para além de homens e mulheres concretos, uma vez que, enquanto uma categoria de análise, possibilita diferenciações entre pessoas, coisas ou situações vivenciadas.

Segundo Scott (1995, p. 21): “O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”.

A categoria de análise de gênero implica necessariamente na demarcação de papéis pré-estabelecidos entre homens e mulheres, meninos e meninas, no processo igualitário entre os sexos. Portanto gênero é uma construção social e cultural que se dá através de um processo de socialização. Segundo Sartori e Britto (2004, p.53): “Através da socialização, a criança vai aprendendo sua cultura – inclusive aquilo que diz respeito a gênero: o que é masculino e o que é feminino e como ser adequadamente, feminino ou masculino”.

Esse artigo visa compreender os tipos de brincadeiras e como se relacionam os meninos e as meninas de sexo diferente e posturas culturais diante do desafio de interagir um com o outro, buscando analisar na prática como as crianças mantêm as relações de gênero por meio do brincar. Para tanto se buscou compreender como as diferenças de gêneros se manifestam durante as brincadeiras de meninas e meninos no contexto da educação infantil, através da reflexão quanto a reprodução das crianças diante de modelos hegemônicos durante a vivência destas diante de espaços coletivos. Esse estudo buscou identificar e discutir, pontuando significados atribuídos ao gênero nas brincadeiras, formando consciência críticas diante de determinado grupo que colaborou diante de ações de olhares, pesquisa, observações e diálogos a respeito de como brincar, interagir diante do outro.

O interesse em investigar as relações de gênero parte do interesse em conhecer as crianças, algumas observações no espaço da educação infantil, que partem do interesse em saber como as crianças significam nas brincadeiras essas relações de gênero.

1.2 PERGUNTA DA PESQUISA

Como crianças tão pequenas já delimitam o que é próprio para meninos e para meninas? E como o novo, o “diferente” causa estranheza no que se refere ao gênero?

1.3 JUSTIFICATIVA

A educação infantil é um dos principais espaços de integração e socialização das crianças. Partindo deste pressuposto, busco analisar as relações de gêneros no contexto da educação infantil na perspectiva de problematizar concepções de brincadeiras para meninas e para meninos construídos historicamente e culturalmente nas relações sociais, na perspectiva de uma construção significativa quanto ao gênero, ou seja, o que é ser menina, e o que é ser menino.

Diante das discussões sobre a representação de gênero diante do contexto educativo dando ênfase na educação infantil, o que é em todos os currículos das escolas brasileiras, conforme o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH/2006), o qual estabelece como um dos princípios norteadores que a Educação Básica no “âmbito escolar, deve ser concebida de forma articulada a combater o racismo, sexismo, discriminação social, cultural, homofobia, toda forma de intolerância religiosa e outras formas de discriminação presentes na sociedade brasileira”, a pesquisa se torna essencial nas perguntas e respostas diante do cotidiano infantil, trazendo buscas como: Qual a diferenciação que as crianças fazem diante dos gêneros? Como apreendem e reproduzem as diferenças de gênero nas brincadeiras? Qual a influência da mediação do adulto diante das reproduções na brincadeira de gênero? Que papéis são atribuídos pelas crianças nos jogos para meninos e meninas? Qual é a orientação cultural e social de gênero destas crianças em determinado grupo?

Limitar as brincadeiras por gêneros é proibir a criança o direito de brincar e se expressar, de saciar seus desejos e dar significados ao brincar. Essa prática de reforçar a separação de brinquedos por gêneros perpetua ainda mais o preconceito. Esta divisão de papéis marcados entre o masculino e o feminino, remete uma ideia marcante na vida das crianças, tornando muitas vezes adultos preconceituosos e machistas.

Um menino, por exemplo, que cresce com a ideia de que brincar de boneca é coisa de menina pode não aceitar dividir as tarefas domésticas na vida adulta, enquanto as meninas seguem o exemplo que o aventurismo, a guerra policial, são características de homens.

Desta forma, relações de gênero se tornam mais específicas do que muitos propõem na prática. Compreender determinado contexto diante de planejamento se propõe um desafio a ser pensado, repensado e estudado.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Conhecer como as crianças, através das suas brincadeiras, significam as relações de gênero. O trabalho de pesquisa visa contribuir para que as crianças troquem, experimentem, diferentes papéis sociais, com o intuito de romper com as práticas que reforçam modelos estereotipados de brincadeiras de meninos e meninas.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para os objetivos específicos visa-se:

Compreender como as crianças significam nas brincadeiras as relações de gênero;

Conhecer e experimentar novas brincadeiras, que ampliem os repertórios sobre gênero;

Observar como, na ludicidade, são marcadas atitudes e valores relacionados ao gênero feminino e masculino.

3 HIPÓTESE DO ESTUDO

A instituição de educação infantil é um dos principais espaços de integração e sociabilidade para as crianças e que tem grande importância no seu desenvolvimento social, afetivo e intelectual. O que se espera é que aos poucos os pequenos vão desmistificando esses conceitos enraizados do que é ser menino e menina, desconstruindo estereótipos referentes a serem de determinados gêneros e que possam vivenciar as brincadeiras pelo prazer do brincar, de se sentir a vontade em realiza-las, sem serem ridicularizado pelo outro, tornando estes momentos naturalizados.

4 REVISÃO DE LITERATURA

Segundo Pereira e Oliveira, (2016, p. 277):

A cultura das crianças que ingressam na vida escolar é constituída por experiências vividas no âmbito da família, da mídia e da sociedade em geral. A partir disso, as crianças recriam muitas histórias vividas durante as brincadeiras e posicionam-se frente ao mundo por meio dessa linguagem. Como as relações de gênero estão imbricadas nas relações que os sujeitos estabelecem na sociedade, a família e a escola se destacam na introdução de comportamentos adequados ou esperados sobre ser menino ou menina, homem ou mulher, o que faz com que ela internalize tais representações em sua infância. Aspectos comportamentais de diferenciação sobre o masculino e o feminino estão presentes na cultura organizacional da escola, às vezes de forma quase imperceptível, num processo de “naturalização” que institui saberes e produz “verdades”, como assinala Louro (2011).

As crianças, desde muito cedo, representam os respectivos papéis estabelecido pelo padrão familiar. Essas são as normas sociais vivenciadas desde cedo que regem a sexualidade tanto para homens quanto para mulheres pautadas na heteronormatividade.

Porém, em sua individualidade, as crianças carregam sua bagagem de padrões já concebidos pela e com a sociedade. É perceptível no contexto de brincar de casinha que os meninos inserem-se facilmente na brincadeira, mas as meninas demonstram em suas ações a definição dos respectivos papéis “compatíveis” com os papéis de gênero determinados a homens e mulheres. Determinam que as meninas sejam mãe e filhas enquanto que os meninos representam pai, filhos e até cachorrinho, onde elas cuidam e acariciam, numa representação do contexto familiar.

4.1 CONSTRUINDO IDENTIDADES DE GÊNEROS, HISTÓRICAS E SOCIAIS

Para se compreender o conceito de gênero atualmente, é preciso fazer uma pesquisa diante da história e constituição aprimorando sua compreensão até os dias atuais. Apesar de todo um estudo diante do tema, a história de gênero vem se construindo a cada tempo, mesmo com todo desenvolvimento do estudo da temática, ainda assuntos pertinentes se tratam delicados e iniciantes. Para Pinsky (2000, p.11): "gênero é uma forma de enfatizar o caráter social e, portanto, histórico, das concepções baseadas nas percepções das diferenças sexuais". Tratar gênero dentro da educação visa um leque de opções, entre desigualdades, modos, interações, números, padrões, cultura, etc.

Dentro da educação o gênero masculino sempre prevaleceu. Nascendo para homens, a educação era visada apenas para os filhos da elite, onde forma-se doutores e homens honrados. Quando a educação foi introduzida as mulheres, por volta de 1880, com medo de que essas meninas se tornassem mulheres fora do padrão e não civilizadas, foi em salas separadas, mesmo que os currículos dado a época em sua maioria eram cursos preparatórios para a vida cotidiana das mulheres com afazeres domésticos, como costura, bordado, pintura, cerâmica. Atualmente muitas culturas ainda admitem tal caráter, como a cultura islâmica e mulçumana, que pressupõe a religiosidade como fundamentalismo no processo de educação e desenvolvimento social. (Escrita de próprio punho baseada em várias leituras).

Deste modo desigualdade de gênero é historicamente construído, quando homens constroem suas vidas para ser o chefe de uma família e a mulher a submissa do lar. Por volta de 1970, o feminismo amadurecia, as classes sociais se rebelavam quanto as desigualdades sociais, começava em maior número o ingresso da classe baixa nas academias, visando mais oportunidades e relações adiante. (Esses dados não foram retirados de bibliografias, escrita baseada a partir de várias leituras que realizei.)

Bernard Charlot (2009, p. 163) cita um apontamento diante de determinada situação:

Se não há pobres – ou mulheres – na escola, a desigualdade é evidente. O duro é compreender a coexistência aparentemente paradoxal de havê-los/as nas salas de aulas e, mesmo assim, se manter uma discrepância nas oportunidades educacionais para um e para outro. A desigualdade permanece...já que os graus de sucesso ou fracasso, e as trajetórias escolares decorrendo deles, variam conforme a classe social e o sexo.

A luta pelo direito à educação para todos foi uma batalha universal, que até hoje visa buscar modos e estratégias de garantir o ensino. As mulheres começaram a ser escolarizadas em salas com igualdade de gênero, introduzidas a cursos preparatórios, adentrando ao mercado do trabalho, mesmo que em desvantagem de números e baixa remuneração, ainda com índices de violência tanto doméstica como trabalhista, em muitos casos. Toda essa batalha, embora com diversas experiências, a luta feminista renasce na busca de se posicionarem diante da sociedade, buscando seus lugares, papéis e construção social.

Dentro da unidade educativa não é diferente. Professores têm a luta diária de educar diferentes gêneros, num mesmo sistema educacional. A base se institui quando a criança chega aos espaços escolares e 98% dos seus profissionais são mulheres. Educar traz um desafio pertinente a ser pensado e repensado por todos os profissionais.

Desse modo:

[...] gênero pode ser entendido como um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana. É a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres. (SCOTT, 1995, APUD FINCO, [200-], p.05).

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

5.1 TIPO DE ESTUDO

Esta é uma pesquisa qualitativa e que surge a partir das observações realizadas dentro do contexto educativo onde proponho meu trabalho pedagógico. A pesquisa será feita com crianças da turma do Caracol, que frequentam o Nei Armação. Será realizada observação no grupo dentro de sala e nos demais espaços da instituição de educação infantil com crianças entre 4 a 6 anos e serão relatadas suas falas no projeto. É garantido o sigilo e a privacidade da identidade das participantes.

5.2 CENÁRIO DO ESTUDO

O estudo se dá no Núcleo de Educação Infantil – Armação- “Vivendo Aprendendo” localizado na Rua Izidoro Pires, 143 – Armação do Pântano do Sul – Florianópolis-SC. As crianças que frequentam o Nei Armação na sua maioria são nativos filhos de pescadores, domésticas, assim como atendemos uma diversidade de povos como: gaúchos, paulistas, cariocas e até filhos de estrangeiros. Assim, nós profissionais do Nei Armação concebemos o homem como ser biológico-sócio-histórico em constante transformação, que tem direitos e deveres. Pensamos também que a mudança social é inevitável e que a contribuição para que a sociedade se torne mais igualitária e fraterna, provém da educação. As observações serão feitas na turma do caracol, com o grupo 5 e 6, totalizando 25 crianças de faixa etária entre 4 a 6 anos. As crianças frequentam período parcial vespertino com horário entre quatro a seis horas diárias. Diante da rotina as crianças vão chegando aos poucos e escolhendo livremente o espaço para se socializar, em seguida são organizadas para o lanche que geralmente é servido com frutas, após o lanche é dirigida a atividade em sala de aula conforme planejamento, e depois é a hora do parque, onde acontece a interação com outros grupos. Ao voltar do parque fazem a higiene e nos dirigimos para o refeitório para a janta que é servida diariamente com um cardápio variado, logo a escovação e em seguida as crianças voltam a brincar livremente até a chegada de seus familiares. As observações ocorrerão na sala de aula, parque e sala multiuso nas brincadeiras livres das crianças. São vários momentos de observações e registros. Segundo Ostetto (2011, p. 21):

O exercício de registrar o cotidiano vivido com um grupo de crianças é uma aprendizagem e um grande desafio, principalmente porque o educador, para tanto, precisa necessariamente observar ações, reações, interações,

proposições não só das crianças, mas suas também. Precisa ficar atento às dinâmicas do grupo, às implicações das relações pedagógicas, para ser “iluminados por elas”, pois “(...) observar uma situação pedagógica não é vigiá-la, mas sim fazer vigília por ela, na cumplicidade da construção do projeto, na cumplicidade pedagógica” (Freire Weffort 1996, p. 14). Iluminação no sentido de uma atitude que não é aquela corriqueira de “eu já vi isso”. Fazer vigília aponta para um movimento de estar disposto ao encontro, a receber o que virá. Olhar aberto, sensível, acolhedor.

A prática do observar e registrar são ferramentas indispensáveis na vida do educador. Porém, é importante que o papel do adulto neste momento seja de supervisão e não o de interferência. Impedir que as crianças vivenciem novos saberes com as brincadeiras do sexo oposto pode reforçar estereótipos e perpetuar preconceitos.

A sala de aula é constituída por diversos cantos que oferecem múltiplos brinquedos. O canto da casinha, por exemplo, é constituído por pia, geladeira, fogão, mesa, cadeiras, loucinhas, bonecas, vassoura, rodo, pá, roupinhas. As pistas de carrinhos também estão expostas na sala de aula para explorarem a brincadeira de carros, assim como os dinossauros, madeiras e bonecos macstil, e ainda o canto dos jogos com lego, Playmobil, jogo de dominó e quebra cabeças com variações de personagens, riquíssimos para se trabalhar questões de gêneros que vão surgindo.

Na sala multiuso a exploração do espaço é pela experimentação de novos recursos como os livros, fantasias, maquiagem e outros brinquedos.

No parque as brincadeiras são livres, lá os pequenos exploram o espaço e interagem com crianças de outros grupos, além de criar e recriar novos contextos de brincadeiras.

5.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA DO ESTUDO

O estudo se dá no núcleo de educação infantil, constituído por um grupo de 25 crianças com idade entre quatro a seis anos. Será enviado para as famílias um termo de consentimento livre e esclarecido pedindo a eles autorização para realizar a observação de seus filhos em sala de aula e demais espaços da instituição. As observações darão em vários registros como: escrita, fotos e vídeos, dentro do meu trabalho pedagógico.

5.4 COLETA DOS DADOS

É uma pesquisa qualitativa e será realizada através das observações em sala de aula, parque e sala multiuso, será registrada durante o contexto de sua produção. Esse registro se realizará por meio de escrita, fotos e falas, com material autorizado por pais e crianças.

Em relação aos objetivos, será em caráter observatório em relação às brincadeiras livre das crianças, buscando compreender as relações de gêneros presente na educação infantil, refletindo sobre a prática das anotações cabíveis.

A coleta de dados se deu no período de 10/10/2016 à 28/10/2016 num período de três semanas de observações. Os instrumentos utilizados: Celular, caderno e caneta. Foram feitas algumas filmagens para acompanhar as falas das crianças e em outros momentos registros no caderno diante das observações.

5.5 PROCESSAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Será feita uma análise de todo registro e apresentado no trabalho de pesquisa as falas das crianças diante dos fatos das brincadeiras, tendo em vista a pergunta da pesquisa, fazendo assim uma reflexão em relação com a problemática do tema.

A partir do que foi observado, registrado e analisado pontuei algumas cenas pertinentes ao tema da pesquisa e que descrevo a seguir no decorrer da fundamentação teórica.

6 INTERAÇÃO DOS GÊNEROS

É por meio de representações que o indivíduo é capaz de aprender e se desenvolver com acontecimentos, interagindo socialmente. O indivíduo se reproduz diante de representações sociais a qual atribui relações e reprodução cultural e social. Deste modo o sujeito se forma e dá sentido social. A subjetividade vai se constituindo no estar com o outro, na interação com o outro.

É preciso primeiramente compreender que as relações de gênero foi algo imposto, ou seja, desde sempre existiu regras e subjeções que divergissem determinado contexto, partindo do sexo frágil. Pode-se citar o surgimento dos atos feministas, que preocupavam-se com as relações de poder entre homens e mulheres, e tiveram início pelas condições de trabalhos a que eram expostas à época. A exploração e dominação das mulheres submetidas começaram a sere refletidas e atendidas a necessidade: “Para os estudos feministas, o conceito de gênero surge para contrapor a ideia de essência, quebrando qualquer paradigma biológico de característica de homens e mulheres”. (SCOTT, 1995)

Deste modo nasce a interação de gêneros, ou seja, a constituição de grupos, que consiste no fato de que o comportamento do outro é estimulante. As perspectivas das relações de gênero trazem essa reflexão de construção histórica, linguística, social e capaz de se formar e reformular.

Cena 01- Brincando no parque

No parque as crianças interagem com outros grupos, correm de um lado para o outro e nesta correria algumas crianças afirmavam que um menino veio para a creche com calça de menina por ser colada e por conter no botão da calça um lacinho, o menino na sua defesa tentava convencer os amigos de que era de menino, e uma das meninas falou: só as meninas usam laços, então sua calça é de menina. (Diário de campo, dia 12/10/2016).

Percebemos nesta cena que as falas das meninas remetem a conceitos culturais do que é vestimentas de menino e de meninas, marcados pelos estereótipos de que calça colada e laços remetem a figura feminina.

Basicamente a sociedade vem a cada ano transformando seus pensamentos e idéias a respeito, reformulando novas maneiras destas interações de gênero, assim como adequar-se ao mesmo ambiente:

Desde a mais tenra infância meninos e meninas vão sendo diferenciados pelo artifício das roupas e sendo ensinados sobre a forma adequada como cada sexo deve se vestir. As meninas são vestidas com roupas em tons rosa ou amarelo, com estampas florais ou de animais domésticos, podendo ter enfeites colocados na cabeça (laços) ou nas orelhas (brincos). Já os meninos são vestidos de azul, com estampas de bolas de futebol ou de animais selvagens, como leões ou tigres. Enfeites são impensáveis. Esse processo se estende por toda infância e adolescência e os desajustes no seu desenvolvimento podem gerar sérios transtornos (DUTRA 2002, p. 362)

E essas diferenciações caracterizadas e rotuladas pelas vestimentas como sendo de meninas e de meninos exibem uma norma cultural e qualquer rompimento relacionados a critérios de gêneros apontam para a anormalidade.

O conceito de gênero tem uma discussão bem abrangente, quando subentende-se de diversas formas a banalização de sua compreensão. Alguns autores trazem o conceito de gênero como sinônimo de papel sexual, estereótipo sexuais e/ou identidade sexuais.

[...] No Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, em seu volume 2 (Brasil, 1999, p. 17-20) , ao afirmar que por volta dos cinco e seis anos a questão de gênero ocupa papel central na construção da identidade e que ocorre uma separação espontânea entre meninos e meninas. Pode-se perceber nesta afirmação um enfoque essencialista, através da naturalização dos comportamentos de meninos e meninas, desconsiderando assim as construções históricas, sociais e culturais que levam a este tipo de situação. Desta forma o documento parece não estar preocupado em contemplar as discussões mais recentes na área dos estudos de gênero, uma vez que se refere ao conceito de papéis, estereótipos, identidade sexual e gênero sem a devida problematização (SOUZA, 2016, p. 04).

A relação de gênero fica assim intrínseca, quando por diferentes abordagens teóricas é abarcada. No atual contexto, tem-se a forma mais contemporânea de sua compreensão, sem caracterizar-se como a divisão de sexos, e sim como uma inter-ligação, de produção, de relação, de favorecimento e desenvolvimentos. Diante das produções sociais e históricas, diferem-se em vários contextos, como produzem as identidades de gênero ou mesmo as identidades sexuais, contemplando seu contexto e entendendo sua trajetória.

Para compreender a relação de gênero, é preciso entender que a educação infantil tem uma articulação necessária nesse contexto. Pois, dentro deste espaço coletivo, onde meninos e meninas produzem e vivenciam as suas vivências cotidianamente, tem por ampliação conhecimentos em inúmeras dimensões, como a ética, estética, corporal, sensível, oral, escrita, artística, rítmica, entre outras linguagens. A brincadeira fica como eixo principal favorecendo um trabalho pedagógico, obtendo nas linguagens conhecimentos e

desenvolvimentos a partir de situações criadas e recriadas por esse grupo de crianças. Diante desse papel, brincam e recriam, interagem e produzem, de certo modo expõem suas descobertas e demonstram suas bagagens sociais e culturais de modo intrínseco e moral, constatando suas condições de gênero.

Assim, um grupo de educação infantil está em constante transformação. Absorvendo os perpassos culturais e sociais, expõe o que adquire, interagem com outras linguagens, e divergem entre si. Relações de gênero estão em constante transformação:

Mostra que as identidades sexuais não são fixas, nem se instalam de forma automática nos indivíduos, mas vão se construindo ao longo da vida, pois, segundo esta autora, a identidade sexual está sendo constantemente rearranjada, desestabilizada e desfeita pelas complexidades da experiência vivida, pela cultura popular, pelo conhecimento escolar e pelas múltiplas e mutáveis histórias de marcadores sociais como gênero, raça, geração, nacionalidade, aparência física e estilo popular. Tanto as identidades de gênero quanto as identidades sexuais podem ser caracterizadas pela instabilidade, sendo, portanto, passíveis de transformações (BRITZMAN, 1996, p. 74).

Para se compreender melhor, buscamos entender nossa constituição quanto sujeitos:

Desde que nascemos estamos nos constituindo como sujeitos, com múltiplas identidades (de gênero, de etnia, religiosas, sexuais, etc), embora muitas vezes estes aspectos sejam ignorados, sendo vistos apenas sob a perspectiva essencialista. A sexualidade, por exemplo, tem sido colocada como central à nossa existência, como é possível depreender do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, ao afirmar que ela “tem grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica das pessoas, pois independentemente da potencialidade reprodutora, relaciona-se com o prazer, necessidade fundamental dos seres humanos (BRASIL, 1998, p.17).

Não somente as crianças, como nós adultos, encaramos a relação de gênero de formas diferentes. Em outro momento, determinada educadora contextuava: “Eu entrei na educação, repensando que a figura do gênero (homem, mulher) se modificasse ao longo de sua vida, hoje presencio cenas de crianças que desde a primeira infância, já possuem gostos e habilidades para o sexo oposto. Por mais que os pais não permitam tal ação, sempre um lado forte tende a revirar. Dando indícios, o que hoje para mim é normal, incentivar meninos a pintarem as unhas e meninas a brincarem de carros, meninos vestirem fantasias e meninas subirem em árvores”. Pode parecer não sutil determinada fala, o que de certa forma fez repensar a postura do profissional diante dessas interações de gênero. Como se comportam?

Como dão espaços? Se permitem transforma-se ao longo dos anos e abrir-se para novos ideais e posturas? Estão em constante transformação?

A sexualidade é algo muito discutido por ser alvo da família em primeiro controle. Perpassa os ambientes sociais, como escola, comunidade, aparatos culturais.

É necessário, pois, ampliar a definição de pedagogia e currículo, não se limitando simplesmente ao domínio de técnicas e metodologias. Outro ponto importante reside no fato de que a linguagem deve ser estudada não como um mero dispositivo de expressão mas como “uma prática histórica contingente, ativamente envolvida na produção, organização e circulação de textos e poderes institucionais” (GIROUX, 1995, p. 95).

Deste modo, é necessário que o currículo esteja bem elencado dentro do pedagógico. Compreendendo o conceito e sentido e gênero e sexualidade, propondo seu sentido cultural e histórico, assim como garantindo suas implicações para a educação infantil.

7 O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL E AS RELAÇÕES

O brincar é uma ação livre, inicia a qualquer hora com qualquer elemento, dá prazer, não exige produto final, relaxa, ensina regra, linguagens, habilidades, retoma a criança ao mundo imaginário. A educação infantil tem o prazer de transpor esses momentos, nas interações, nos compartilhamentos que os determinados grupos podem ter entre si. O brinquedo, material concreto, é neutro. Segundo estudiosos, os brinquedos são formulados para compreensão de faixa etária e determinados grupos de gêneros. Na escola, ambiente que difunde relações sexistas, o brinquedo recria novas formas e regras, é preciso compreender o material em si e ponderá-lo ao modo brincar. Ou seja, o carrinho não é feito somente para meninos, nem significa que se ele for rosa é destinada à Barbie da menina, o material tem indicações de fábrica, que o educador pode propor estratégias de brincadeiras diferenciadas que apreciem momentos únicos de relações e interações de descobertas do lúdico.

Cena 02- brincando de carrinhos

As meninas brincam de carrinhos de forma igualitária aos meninos, que representam na brincadeira papéis ditos serem de “homens” como caminhoneiro, taxista, bombeiros, trazendo nas brincadeiras as profissões que eram determinadas apenas por homens. Assim como os meninos não se importam em brincar com a pista da boneca Polly rosa e lilás, sentem-se atraídos por aquele brinquedo supostamente de meninas. (Diário de campo, dia 14/10/2016).

As questões de gêneros são fortemente marcadas nesta cena: brincar de carrinho é coisa de menino? Porém, a cena demonstra na brincadeira uma pista de carrinhos ditos de meninas? Os estereótipos marcados pela cor do brinquedo solicitado pela sua fabricação. Wenzel (2012, p.92), através de sua pesquisa, afirma:

Há elementos que incluem o modo como o gênero é incorporado nas brincadeiras e como ele opera nesse contexto. Essa incorporação ocorre de diversos modos ou maneiras, constituindo diferentes processos de generificação. Com o termo “processo de generificação”, refiro-me aos diferentes modos através dos quais significados ou atributos culturais de feminilidade e de masculinidade são incorporados/aprendidos pelos sujeitos, e a partir dos quais eles articulam diferentes negociações, rejeições ou aceitações que constituem essas aprendizagens. Assim, examinar os processos de generificação que se dão nas vivências coletivas de crianças permite discutir como, a quem e de que jeito os significados culturais de

feminilidade e masculinidade são atribuídos nas brincadeiras que as crianças realizam.

Neste caso a brincadeira ocorreu de várias formas atribuindo significados na construção do brincar permitindo experimentar novas descobertas com o movimento do carro, como subir e descer a pista, de disputar corrida com o carro mais veloz, na experimentação de ser caminhoneiro e encher sua carga com as madeiras numa vivência coletiva de diferentes modos de feminilidade e de masculinidade.

As brincadeiras de meninos e meninas são importantes instrumentos para desconstruir o sexismo, heteronormatividade. O brincar dentro da faixa etária na educação infantil é onde a criança vai demonstrar o que vivencia em seu mundo atual, suas relações, sua cultura. A internalização de papéis que as crianças produzem ao ser professora, dona de casa, polícia, frentista, médico, etc. retoma funções da educação, que se tornam especiais e se referem à construção da identidade de gênero.

Cena 03- brincar de casinha

Nas observações realizadas pude perceber que os meninos se inserem facilmente no contexto de brincar de casinha, porém seus respectivos papéis são relacionados ao masculino, sendo os personagens de papai ou filhinho, porém a brincadeira demonstra que a figura masculina também contribui com os afazeres domésticos, eles varrem a casinha, fazem comidinha, cuidam dos filhos. (Diário de campo, dia 17/10/2016).

Percebemos nessa cena do brincar de casinha que as crianças vêm representando mudanças no convívio familiar em relação às divisões de tarefas domésticas entre marido e mulher. Nos dias atuais essas funções já são desenvolvidas pelos homens que zelam pelo cuidado aos filhos, levam a creche, no preparo da alimentação, na higiene e em outras funções ditas ser de mulheres. Segundo Knuppe (2004, s/p):

A construção da identidade e do gênero são vividas pelas crianças da educação infantil através das brincadeiras, das palavras, dos gestos, das atividades reconhecidas como masculinas e femininas. Por meio das brincadeiras as crianças internalizam e reproduzem as relações estabelecidas por homens e mulheres, sendo que algumas são caracterizadas pela reprodução de estereótipos socialmente atribuídos aos gêneros. A este respeito, acredita-se que a atividade lúdica é identificada como fundamental para o desenvolvimento infantil, pois permite à criança integrar várias dimensões de sua identidade, assimilar a realidade e vivenciar papéis. As

brincadeiras estão ligadas ao contexto cultural, onde as crianças reproduzem através de jogos simbólicos a imitação dos adultos.

Brincando as crianças utilizam-se das linguagens para se comunicar e reproduzir papéis do mundo adulto, criam e recriam atividades do convívio familiar na experimentação por novas práticas. Para isso é preciso compreender o brincar dentro da educação infantil, primeira etapa de educação básica, onde se iniciará processos de aprendizados para a vida. Entender a realidade e o contexto que a criança vivencia e brinca se torna fundamental, pois cada criança relacionará seu aprendizado a sua vivência pessoal.

Cena04 - brincar de escolinha

A brincadeira de escolinha é organizada por um grupo de crianças. Uma das meninas é a professora e começa a escrever no quadro da sala explicando como será a atividade do dia e as outras crianças são os alunos e começam a fazer a tarefa. Nesta relação social a menina sugere que a brincadeira tenha duas professoras nomeando as professoras de sala de aula numa ação do faz de conta. Então um dos meninos manifesta sua vontade de ser o professor: eu quero ser o professor! E as meninas não permitem que ele seja o professor porque as professoras da sala são mulheres e neste caso, as meninas. E elas dominam a brincadeira elegendo outra colega. (Diário de campo, dia 18/10/2016).

Percebemos nessa cena que o menino foi excluído de vivenciar o papel do professor regido pela submissão das regras do jogo simbólico, já que nesta representação da brincadeira a imitação é representada pelas professoras de sala. Santos (2002, p. 90) relata que,

[...] os jogos simbólicos, também chamados brincadeira simbólica ou faz-de-conta, são jogos através dos quais a criança expressa capacidade de representar dramaticamente.” Assim, a criança experimenta diferentes papéis e funções sociais generalizadas a partir da observação do mundo dos adultos. Neste brincar a criança age em um mundo imaginário, regido por regras semelhantes ao mundo adulto real, sendo a submissão às regras de comportamento e normas sociais a razão do prazer que ela experimenta no brincar.

Entender a brincadeira dentro da educação infantil é algo imprescindível, isso porque ela é umas das estruturações de papéis sociais, que permeia o trabalho pedagógico e refaz o espaço educativo. Dentro das relações de gênero o brincar é amplo, envolve elementos culturais, sociais e históricos: “[...] o meio social é a alavanca do processo educacional e todo o papel do mestre consiste em direcionar essa alavanca” (VYGOTSKY, 2004, p. 65). Assim

não se pode tratar das relações de gênero no brincar sem constar o meio social, sua estrutura e realidade, para compreender o seu contexto. As crianças brincam e refletem o que vivenciam. As posturas sociais nesse meio são altamente observadas. Por exemplo: crianças em realidade de extrema necessidade brincam de representar papéis sociais conforme sua comunidade, imitam as mães que alimentam, organizam a casa, cuidam dos filhos, trabalham diariamente, enquanto os pais saem a trabalhar, de carro ou ônibus, colocando papéis e estruturas diferenciadas de profissões, em outro âmbito podemos observar crianças de classes mais elevadas, onde as crianças representam seus pais ao tablete, computador, malas, folhas e arquivos, onde computam materiais, alguns com famílias, outros com cachorros e empregadas. As vivências observadas se formam ao longo do tempo, nos diferentes espaços por onde podemos passar e analisar, assim como compreender essa conjunção social de gênero e brincar dentro da primeira infância.

Cena 05- brincadeira com o playmobil

Ao brincar de castelo na sala de aula uma menina da turma diz que os meninos não podem brincar com a boneca Playmobil representada na figura da rainha por ser uma menina. E acrescenta: a rainha é uma menina e só as meninas é que podem brincar, porque meninos não podem brincar de bonecas. E outra colega complementa: É porque eles são meninos, a rainha é menina e são das meninas, o rei é menino e são dos meninos. (Diário de campo, dia 20/10/2016).

Notamos na cena que na brincadeira predomina a demarcação de que bonecas são delegadas para as meninas, limitando o brincar dos meninos, reforçando tal comportamento imposto pela cultura. Segundo Bomtempo (1999, p. 01):

Brincando, a criança se inicia na representação de papéis do mundo adulto que irá desempenhar mais tarde. Desenvolve capacidades físicas, verbais e intelectuais, tornando-se capaz de se comunicar. O jogo ou brinquedo são, portanto, fatores de comunicação mais amplos do que a linguagem, pois propiciam o diálogo entre pessoas de culturas diferentes.

Brincando a criança utiliza-se da sua linguagem para expressar falas estereotipadas a certos brinquedos que são destinados para meninos e para meninas. E experimentar o brincar na interação com o outro possibilita a troca de novos saberes, novas vivências, contribuindo para que as crianças compreendam melhor a realidade e o mundo que as cercam.

O sentido de enfrentar a concepção de gênero, não como uma atração de sexo e sim como direitos: “[...] sexo é percebido como uma questão biológica, enquanto gênero é uma construção histórica a partir dos fatos genéticos” (AUAD, 2006, p.22), faz com que repensem o espaço brincar e como favorecer e cativar esse momento. Ao nascer a criança já sobrepõe seu sexo, assim como cria-se uma expectativa de seu comportamento, personalidade, como meninos e meninas irão se reproduzir e criar-se. Dentro desse conceito, tal sociedade vai por práticas que reforcem o gênero, estimulem e ao mesmo tempo criem estereótipos de imagens.

A identidade de gênero exposta nesse contexto refere-se a maneira como a pessoa se sente, refere-se como se identifica enquanto sujeito. Ao perceber que a relação de gênero pode ser constituída socialmente, percebemos características nítidas aos sexos femininos e masculinos que rotulam meninos e meninas ao brincar no espaço educação infantil. Em momentos de brincar de “casinha” meninas permitiram a participação de alguns meninos, porém somente se fossem os pais e os cachorros, ao ser questionadas do por quê, elas manifestam que seus pais saem para trabalhar e são homens, e seu cachorro também é menino. E quem fica em casa limpando? A mãe. O mesmo acontece em outro espaço com meninos brincando com carros, uma menina se aproxima e pergunta, posso brincar? A maioria manifesta que não, ou nem dão importância ao pedido, apenas um se aproxima e dá a mão, mas diz: pega uma boneca que não tem mais carrinho, enquanto leva ela a direção dos outros. Quando percebemos esses pequenos detalhes socialmente construídos, percebemos que naturalmente estão entranhados na sociedade, onde as escolhas permeiam, mas são ainda esteotipadas e ponderadas em muitos momentos.

As construções caracterizadas e rotuladas diante dos brinquedos expostas pelos adultos na brincadeira exibem uma norma cultural, onde brinquedos formulados para meninos e meninas são estereotipados e relacionados a critérios de gênero. Isso porque os brinquedos oferecidos as crianças são criados por adultos que já impõem a futura escolha sexual da criança. Ou seja, brinquedos azuis, brinquedos rosas, armas, carrinhos, lego, casinhas, bonecas, fantasias, distinguem sessões de brinquedos diferentes, e as creches e escolas impõem muitas vezes espaços. Essa preocupação do adulto influencia a brincadeira da criança de modo direto, onde espaços muitas vezes são formulados: “Esse canto é do casinha, João não incomode as meninas na sua brincadeira”, ou “Olha a pista que propiciamos nesse espaço, Maria vá pegar uma boneca e deixe os meninos brincar com o carrinhos”, são frases usadas muitas das vezes de modo pejorativo, sem compreensão, de modo que fazer a rotulação de brincar dentro do espaço da educação infantil: “Qualquer possibilidade de rompimento das

fronteiras de gênero aponta para uma classificação no campo da patologia, da anormalidade.” (SOUZA, 1999, p.123). é preciso que o educador tenha a sutileza de compreender os espaços neutros, espaços de brincadeiras garantidos, onde interagem um ao outro sem ser separados por gêneros.

As brincadeiras de meninos e meninas são importantes instrumentos para desconstruir o sexismo, heteronormatividade, o brincar dentro da faixa etária na educação infantil é onde a criança vai demonstrar o que vivencia em seu mundo atual, suas relações, sua cultura. A internalização de papéis que as crianças produzem ao ser professora, dona de casa, polícia, frentista, médico, etc. retoma funções da educação, que se tornam especial e se referem à construção da identidade de gênero.

Cena 06- brincado com os adereços

Na sala multiuso as crianças exploram o espaço e aproveitam para se fantasiar, um dos meninos enche os braços com as pulseiras coloridas e cheias de brilho, aproveita o momento para brincar e se divertir sem se preocupar com o adereço que está usando, enquanto brinca com seu chinelo acaba arrebatando, então é oferecido a ele um outro chinelo azul e branco e ele recusa a usar por ser da personagem a galinha pintadinha, coisa de menina segundo ele. (Diário de campo, dia 21/10/2016).

Segundo Hall, *apud* Souza (2016, p. 8):

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas

Quando a criança cria seu mundo na brincadeira, ela desempenha um papel, constituindo como um instrumento educativo que possibilita a apropriação do mundo, dos objetos humanos, da cultura humana:

[...] as particularidades históricas, geográficas, sexuais, individuais e de classe engendram e cultivam formas básicas do comportamento humano. A pessoa apresenta dois tipos de comportamentos, os comportamentos hereditários ou natos e os adquiridos. Os comportamentos hereditários são dados à criança logo quando nasce, ou também podem surgir no processo de seu crescimento, sem qualquer aprendizagem e influência de estranho e que, em linhas gerais, permanecem imutáveis ao longo de toda a sua vida. Já as reações ou formas de comportamento adquiridas são aquelas que surgem no processo de experiência pessoal no tempo mais variado e devem sua origem

não a organização hereditária, mas as peculiaridades individuais da experiência pessoal (VYGOTSKY, 2004, p.20).

Através dessas relações transportadas no ato brincar, meninos e meninas comportam-se de diferentes modos e maneiras, se tornam uma herança social, adquirida por meio de variadas práticas sociais e históricas, e com a necessidade da criança ter integração ao próximo e de dominar objetos e símbolos.

Nesse sentido, a brincadeira desempenha um importante papel na construção da identidade de gênero das crianças: “a brincadeira é uma forma natural de trabalho da própria criança, uma forma de atividade e também uma preparação para a vida futura” (VYGOTSKY 2004, p.25), se constitui um importante instrumento educativo, e desconstrói os estereótipos de gênero.

Cena 07 – brincando de maquiagem

A maquiagem também é bem presente na representação do contexto gênero, que é mais usada pelas meninas pela sua vaidade. Porém na brincadeira com as maquiagens uma das meninas começa a se maquiar e um dos meninos se interessa em brincar de se pintar sem se importar com a definição de ser menino. Enquanto a menina maquia o menino dois coleguinhas se aproximam e começam a dar gargalhadas da situação. O menino fica envergonhado e sem ação e a menina diz: vocês sabiam que eu já vi um vídeo na minha casa de um menino se maquiando e complementa: ele estava se fantasiando de menina. Assim ela os convida para experimentar e brincar de se pintar, propondo que eles se fantasiassem de palhacinhos e eles topam, por fim a brincadeira continua e se transforma num grande circo onde todos são os palhaços da festa. (Diário de campo, dia 26/10/2016).

Notamos nessa cena alguns discursos que sustentam que a maquiagem é característico da feminilidade, induzida pela criação que menina deve gostar de se maquiar. Já os meninos precisam se justificar do porque estão usando a maquiagem, preocupando-se com a definição de sua masculinidade. Segundo Borges (2014, p. 01):

As amarras de gênero podem ser muito prejudiciais nesse sentido, pois limitam o universo lúdico da criança. O período da infância é de exploração e de descoberta de possibilidades – e as imposições dos adultos, baseadas em tabus culturais, impedem que isso se efetive de forma plena. Afinal de contas, as crianças são curiosas, e o interesse de um menino em brincar com bonecas ou de uma menina em andar de skate nada tem de estranho. Se uma criança vê o coleguinha brincando de algo, logo fica interessada em

participar, independente do que seja. Para a pesquisadora Maria Angela, “quando a criança brinca, tudo que está em seu entorno interessa, desperta curiosidade: elas querem experimentar. Quanto mais ela estiver livre para explorar, descobrir, mais rica será essa experiência, e maior, a sua aprendizagem.

Percebemos então que os meninos, para poder participar da brincadeira de se maquiarem, foi preciso mudar o significado do brincar para não causar estranheza ao experimentar a maquiagem e saciar sua curiosidade. Assim, a brincadeira é transformada num grande circo onde a representação dos meninos eram ser os artistas caracterizados por serem os palhaços, para não serem estereotipados como “menininhas”.

Os espaços construídos para a brincadeira dentro da educação infantil devem ser neutros. Sem separar espaços e brinquedos, lado das meninas, cores de meninos, espaço de meninas, arrumação de meninos. A brincadeira deve ser compreendida como interação de grupos, sem distinção de desenvoltura de papéis ou posição de gênero. Casinhas, pistas, mercados, pinturas, cabanas e parques que são construídos devem ser exploradas por todo o grupo, assim como instigadas pelos profissionais nessa brincadeira, levando os determinantes gêneros a compreender que o desafio lançado não é a separação e reprodução do que visualizam ou vivenciam, e sim descobertas de espaços, exploração de momentos significativos, dando reflexo de um grupo neutro que busca na ludicidade a diversão e aprendizagem.

Compreender que os estereótipos das brincadeiras de meninos e meninas são amplos e não devem priorizar aspectos que tratam este como denominativo de gênero, torna-se papel do educador. Por mais que determinados grupos tendem a brincar somente juntos, deve-se elaborar planejamentos diversificados em que grupos possam se revesar, entrosando-se, criando momentos e criatividade diversas. Um exemplo é “brincadeira do troca-troca”, conhecida para os dias de chuva, mas que pode ser elaborada para dias quentes. Consiste em dividir espaços com diversos brinquedos, exemplos: casinha, legos, joguinhos, carrinhos, dinossauros, bonecas, polly, etc. A cada 15 ou 20 minutos se faz a troca do grupo que divididos de 4 a 5 crianças em cada espaço montam seu espaço e interagem, embora ganhem do grupo anterior uma planta do que já se passou por ali. A brincadeira pode favorecer momentos de trocas em crianças que não tem muito contato, as tímidas, as que falam muito, os que não têm afinidade, as que preferem apenas um brinquedo sempre, enfim, torna-se uma troca de experiências ainda trazendo possibilidades de gêneros vivenciarem e brincarem diversificando espaços e contextos. A brincadeira dessa forma se torna neutra, onde todos participam e não é rotulada por gênero.

8 O PAPEL DO EDUCADOR E DA EDUCADORA NO GÊNERO

O gênero não se restringe ao papel social de homem e mulher, embora seja um discurso tão amplo envolto dentro da educação. Muitos educadores, dentro desse contexto, não conseguem difundir determinados conceitos – gênero/sexualidade, embora as palavras tenham proximidade, sabe-se que os professores como transmissores de conhecimentos acabam por permear e transmitir toda a base sobre determinado grupo. Auxiliando e indicando, são capazes de ampliar a definição do currículo, assim como conceber os estereótipos de gênero ou não.

O conceito de gênero nos reforça a ideia e a necessidade de pensarmos que há diversas formas de sermos homens e mulheres, identidades diversas de meninos e meninas, assim como brincam diversificadamente. Para Meyer (2001, p. 32): “Nós aprendemos a ser homens e mulheres desde o momento em que nascemos, até o dia em que morremos e essas aprendizagens se processam em diversas instituições sociais, a começar pela família, passando pela escola, pela mídia, pelo grupo de amigos, pelo trabalho, etc (...)”. Assim compreender a palavra gênero dentro da educação infantil visa ampliar ao pedagogo seu conceito, abrir seus horizontes, compreender seus espaços e oportunizar momentos que o grupo se sinta capaz de se relacionar, desenvolvendo-se e aprendendo uns com os outros.

Cena 08 – brincadeira do caracol

Na brincadeira de escolher um nome para o bichinho caracol, foi preciso que cada criança sugerisse um nome e que no final iríamos fazer uma votação. O nome mais votado foi Bela. Esse nome dá destino a história Bela o caracol viajante da sacola literária que vai pra casa das crianças. Dois dos meninos do grupo não concordaram com o nome, pois acharam estranho um caracol ser chamar Bela, na visão deles todos os caracóis são meninos como mencionaram. Em contrapartida, um deles estava preocupado porque na peça teatral O CARACOL ele é o protagonista no personagem do caracol, então ele perderia o papel principal já que agora o caracol é uma menina. Diante da polêmica mediamos o conflito trazendo para conversa em roda os nomes unissex que serve tanto para homem quanto para mulher, como eu já sabia o nome da mãe de um dos meninos aproveitei o espaço e trouxe o nome do meu cunhado que tem o mesmo nome dela, logo o menino falou igual o nome da minha mãe! Fizemos outras relações com os nomes trazendo a personagem da pequena sereia que se chama Ariel e muitos meninos também se chamam Ariel, daí então surgiu na

roda um primo Ariel. Depois partimos para os animais macho ou fêmea, as crianças foram relacionando gato/gata, boi/vaca e a girafa quem sabe? A girafa/ o girafa falou uma das crianças todos deram gargalhadas. Girafa macho e girafa fêmea. E o pinguim? Pinguim Macho e pinguim fêmea, completaram as crianças, e nesta explicação conceitual todos entenderam e aceitaram. Então o caracol pode ser chamar Bela sim responderam as crianças. (Diário de campo, dia 27/10/2016).

Notamos nessa cena a demarcação pela diferenciação do nome masculino e feminino, causando preconceito e estranheza na escolha do nome do bichinho! Como um caracol pode ser chamar Bela? Essa ideia nos reforça pensar os conceitos de gêneros e de conhecer as diversas formas de serem homens ou mulheres, meninos ou meninas, macho ou fêmea. Neste sentido, faz-se necessário mediar a brincadeira e orientar as crianças para a compreensão do aprendido.

Para Vygotsky (1998), o educador poderá fazer o uso de jogos, brincadeiras, histórias e outros, para que de forma lúdica a criança seja desafiada a pensar e resolver situações problemáticas, para que imite e recrie regras utilizadas pelo adulto (FANTALLOCHI, [201-], s/p).

É preciso compreender que a escola não é neutra, ela é partícipe de espaços, de construção de identidade, de gênero, de interações. Essa construção inicia-se nas primeiras relações que os bebês já possuem e formulam ao longo de seu desenvolvimento coletivo na educação infantil. Entender as questões de gênero é discutir práticas educacionais cotidianas, redescobrimo significados. É preciso compreender seu conceito assim como questionar seus pré-conceitos.

A mediação do professor deste modo torna-se essencial. A criança aprende a enfrentar seus conflitos diante das brincadeiras, e também se impor, criar seus estímulos e coragem quando vê a figura do profissional ao lado. A mediação diante de propostas se torna imprescindível. Em determinada situação, um grupo de crianças brincavam com jogos de madeiras, formando pistas, castelos, prédios, um grupo de meninas se sentiu atraída por outra brincadeira, ao pedir para sair a professora permitiu, porém, os demais continuariam na brincadeira que estavam. Enquanto um grupo novo formava uma brincadeira com novas peças. A ação trouxe uma separação, um momento que os demais gostariam de estar juntos, trocar experiências, porém não foi permitido. O papel do educador é de diversificar, fomentar,

criar, especular de forma que atrações sejam feitas, momentos sejam criados e oportunidades oferecidas.

Diante disso, cabe se perguntar: Qual o espaço tem sido preparado para meninos e meninas? É possível oferecer ambientes ricos, de diversas propostas, que sejam agradáveis, solícito, para determinado grupo? Que se sintam atraídos e juntos consigam brincar sem se distinguir?

A escola não deve ser apenas múltiplo mecanismo de classificação, ordenamento e hierarquização. É necessário, no papel de educador, produzirmos efeitos, sem mecanismos, oprimindo e distinguindo meninos e meninas sem que sejam capazes de criarem suas próprias identidades, se relacionarem e assim compartilharem de momentos de brincadeiras que sejam capazes de romper o estereótipo do sexismo e se desenvolverem a partir de aprendizagens lúdicas e criativas.

Ainda em algumas unidades, as práticas sexistas se tornam naturais. A escola tem a capacidade de incentivar e educar processos que fortemente vem sendo construídos na sociedade. Os profissionais da educação então se tornam os mais responsáveis em reforçar, dialogar, ajudar, as crianças a compreenderem o brincar de diferentes modos e maneiras, de forma que meninos e meninas se sintam atraídos e estimulados a juntos produzirem culturas:

A escola é parte importante neste processo. Tal “naturalidade” tão fortemente construída talvez nos impeça de notar que, no interior das atuais escolas, onde convivem meninos e meninas, rapazes e moças, eles e elas se movimentam, circulam e se agrupam de formas distintas. (LOURO, 1997, p. 56).

Os agrupamentos naturais de meninos e meninas dentro das unidades educativas ocorrem por afeição, sentimento, respeito, etc. Um determinado grupo que circula junto, brinca junto, vivencia junto, produz junto, essas trocas se tornam experiências assim como crescimento, desenvolvimento e maturidade. As relações obtidas, então, se formam na introdução da vida social, esse entrosamento se torna uma troca de cultura, de saberes sociais e históricos, interagindo e construindo relações, o que o professor pode mediar, favorecendo contato, partilhas de modo que os comportamentos pré-determinados, preconceitos e discriminações culturais venham se quebrando e formando novos paradigmas diante de determinadas situações e contextos. São os adultos que influenciarão muito nesses comportamentos. É o adulto que espera que a menina seja comportada, não brigue, não corra, tenha sempre seu cabelo organizado, enquanto o menino de boné corre e brinca de carrinhos. É preciso rever enquanto educador os padrões que utilizamos de papéis já impostos pela

sociedade. Por que um dia de salão de beleza é destinado as meninas? E por que em brincadeiras com bola sugere-se maior interesse de meninos? Quando o professor propõe dentro da proposta pedagógica e currículo, deve fomentar e analisar os objetivos diante de determinadas situações de brincadeira: que tipo de brincadeira devo sugerir? Qual meu público alvo? Por que? Por meio destas quebras de padrões sexistas entenderemos que os estereótipos das brincadeiras na educação devem quebrados, oportunando e dando viabilidade a novas maneiras e processos de desenvolvimento.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crianças são capazes de múltiplas relações, assim como a todo momento estão experimentando diferentes formas de interagir com o outro (criança/criança, crianças/professor, criança/adulto). Deste modo, buscam novos prazeres, assim como novas descobertas e curiosidades, o brincar dentro da educação se reformula a cada dia, criando novos significados e história.

A educação infantil deve ser pensada como um espaço não sexista, ou seja, um espaço amplo de descobertas e interações onde as crianças sejam capazes de desenvolver-se assim como aprenderem práticas, ações que não envolvam a questão de gênero rotulada pela sociedade. Essa garantia envolve um olhar sutil, observação, proposta dos educadores e corpo docente onde vão propor e auxiliar momentos que contribuam e ampliem esses aprendizados.

O uso do brinquedo ainda é considerado como objeto central para ponderar o estereótipo infantil da brincadeira. É possível diferenciar a brincadeira e assim atribuir formas e significados diferentes do que a sociedade lhe impõe, entender os brinquedos como elementos culturais e atribuídos de significados as crianças, propõe momentos e vivências, em que determinados grupos de meninos e meninas podem re-criar e re-formular estratégias de compreendê-los. O brinquedo então se torna fator fundamental para definir dentro da educação infantil os estereótipos do brincar. Através do objeto as crianças vão criar suas estratégias de brincadeiras assim como definir seu público alvo, já que crianças mesmo pequenas são capazes de criar suas regras e vivenciá-las. O profissional, então, tem o papel de auxiliar e mediar esses momentos, que sejam capazes de recriar brincadeiras, reutilizar brinquedos e assim partilhar momentos significativos sem a distinção de gênero.

Por fim compreende-se que a brincadeira é valor simbólico na educação infantil, através dela as vivências e interações de grupo se formam e criam, o brinquedo favorece os momentos de descontração e criatividade, possibilitando a ampliação de repertórios e diminuindo os estereótipos de gênero dentro do brincar de meninos e meninas. É preciso, como profissional, estar atento aos cuidados, modos e falas, compreendendo, analisando e ajudando que se forme momentos significativos e produtivos capazes de ter desenvolvimento em grupo. A brincadeira dentro dessa faixa etária trará benefícios capazes de refletirem para o resto da vida, como as contribuições e reflexo das vivências, assim como as interações bem produzidas e suportadas pelas interações sociais e culturais.

REFERÊNCIAS

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

BELOTTI, Elena Gianini. **Educar para a submissão**. Petrópolis: Vozes, 1975.

BORGES, Felipe. **Isso é coisa de menina. e de menino também**. Disponível em: <http://oficinadeimagens.org.br/isso-e-coisa-de-menina-e-de-menino-tambem/>. Acesso em: 08 ago. 2016.

BRAGA, Eliane Rose Maio. Gênero, sexualidade e educação: questões pertinentes à pedagogia In: CARVALHO, Elma Julia Gonçalves de; FAUSTINO, Rosângela Célia (Org.). BRUSCHINI, Cristina e SORJ, Bila. **Novos Olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil**. São Paulo: Marco Zero/Fundação Carlos Chagas, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. **RESOLUÇÃO N. 5**, de 17 de DEZEMBRO DE 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: 2009.

_____. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica. **Indicadores da qualidade na educação infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2009.

FANTACHOLI, Fabiane das Neves. **A importância do brincar na educação infantil**. Monografias Brasil Escola. [201-] Disponível em: http://monografias.brasilescuela.uol.com.br/educacao/a-importancia-brincar-na-educacao-infantil.htm#capitulo_4. Acesso em: 10 nov. 2016.

FINCO, Daniela. **Educação infantil, gênero e brincadeiras: das naturalidades às transgressões**. Campinas UNICAMP, [200-]. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt07945int.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2016.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. Vol 1: A vontade de saber. Rio de Janeiro, Graal, 1988.

FRIEDMAN, Adriana; et alii. **O direito de brincar: a brinquedoteca**. São Paulo: Scritta; ABRINQ, 1992.

FRIMANN, Adriana. **O Brincar na educação infantil: observação, adequação e inclusão**. São Paulo: Moderna, 2012.

GANDINI, Lella; EDWARDS, Carolyn (orgs.) **Bambini: a abordagem italiana à educação infantil**. Tradução: Daniel Etcheverry Burguño - Porto Alegre: Artmed, 2002.

GRACIANO, Marília. Homem-Mulher: por que polarizamos os sexos? **Cadernos de Pesquisa**, n.26, 1978.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

____. **Jogos Infantis: O jogo, a criança e a educação.** 15^a. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2009.

KNÜPPE, L. A Identidade de Gênero – Um Processo em Formação. **A Página da Educação**, n. 132, ano 13, mar/2004. Disponível em: <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=132&doc=10007&mid=2>. Acesso em: 04 jun. 2016.

LOURO, Guacira Lopes. Nas redes do conceito de gênero In: MEYER, M. J.; WALDOW, D.E. **Gênero e Saúde.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

MELLO, Ana Maria et alii. **O dia a dia de creches e pré-escolas.** Porto Alegre: Artmed, 2010.

OSTETTO, E. Luciana. **Educação Infantil Saberes e Fazeres da Formação de Professores.** Disponível em: <https://books.google.com.br/books?> Acesso em: 08 ago. 2016.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas.** São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

SARTORI, Ari José; Britto, Néli Suzana. **Gênero na Educação: espaço para a diversidade.** Florianópolis: Genus, 2004.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade.** Porto Alegre, vol. 20, n.2, pp.71-99, jul./dez. 1995.

SOUZA, Jane Felipe de. Construindo identidades sexuais na Educação Infantil. **Páteo**, (7), nov.98/jan.99. pp. 56-58.

____. **Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para a educação infantil.** Disponível em: http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_gensex/SexualidadeInfantil.pdf. Acesso em: 26 dez. 2016.

VYGOTSKY, L.S.; LURIA, Alexander R.; LEONTIEV, Alexis N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem.** São Paulo. Universidade de São Paulo, 1988.

____. **A formação social da mente.** 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WENETZ, Ileana. **Meninos e bonecas: eles também brincam?** 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/979/763>. Acessos em 13 nov. 2016

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO:

Título do Projeto:

O brincar na educação infantil: Estereótipos de Gêneros nas relações sociais de meninos e meninas

Pesquisadora Responsável:

Delma Nadir Martins (licenciada em Pedagogia pela Universidade Uniasselvi)

Instituição a que pertence a Pesquisadora Responsável:

Programa de Pós-Graduação em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina

Telefones para contato:

(48) 96004648

Nome da voluntária/o:

Idade: _____ anos

R.G. _____

Você está sendo convidada/o a participar do projeto de pesquisa O brincar na educação infantil: Estereótipos de gêneros nas relações sociais de meninas e meninos de responsabilidade da pesquisadora Delma Nadir Martins

Informações sobre a pesquisa:

Os objetivos da pesquisa são: Objetivo geral: Conhecer como as crianças, através das suas brincadeiras, significam as relações de gênero. O trabalho de pesquisa visa contribuir para que as crianças troquem, experimentem diferentes papéis sociais

Específicos: Compreender como as crianças significam nas brincadeiras as relações de gênero; que ampliem os repertórios sobre gênero; Observar como na ludicidade são marcadas atitudes e valores relacionados ao gênero feminino e masculino. A pesquisa será feita com crianças da turma do Caracol que freqüentam o Nei Armação. Caso as participantes estejam de acordo: será realizada observação no grupo de crianças e relatadas suas falas no projeto. É garantido o sigilo e a privacidade da identidade das participantes. Não serão citados nomes, não serão fotografadas.

Eu, _____, RG nº _____ declaro ter sido informada e concordo em participar, como voluntária, do projeto de pesquisa acima descrito.

Florianópolis, ____ de _____ de _____

Assinatura da voluntária

